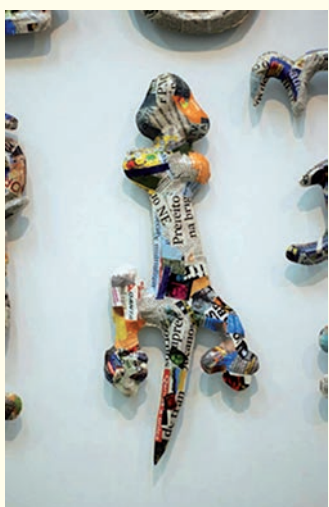


## VISUALIDADES

### RECORTES E RESSIGNIFICAÇÃO DA MATÉRIA EM LUIZ BARROSO

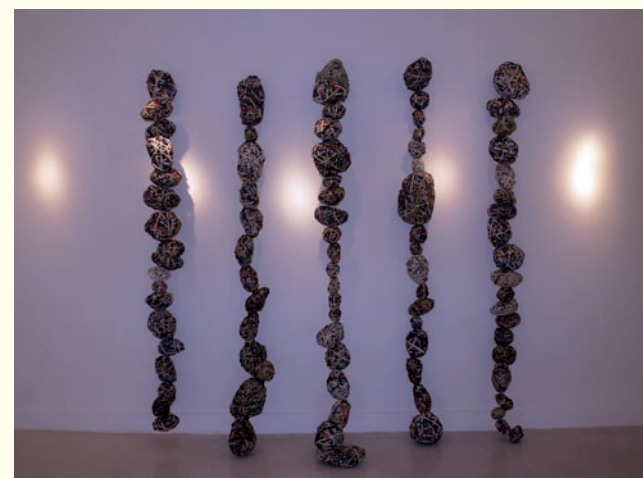
*Por Wellington Medeiros*

A produção de Luiz Barroso parte de uma questão que se projeta delicadamente sobre suas obras: a pesquisa das diversas possibilidades de apropriação, transformação e ressignificação da matéria.



Trabalhando essencialmente com o papel, o artista corta, recorta, processa e modifica sua composição, instaurando novas possibilidades de configuração. A princípio, alguém pode ficar tentado a perceber apenas o processo como um procedimento comum: a técnica da reciclagem do papel. De fato, o processo não apresenta mistério. No entanto, nos damos conta imediatamente de que não se trata simplesmente

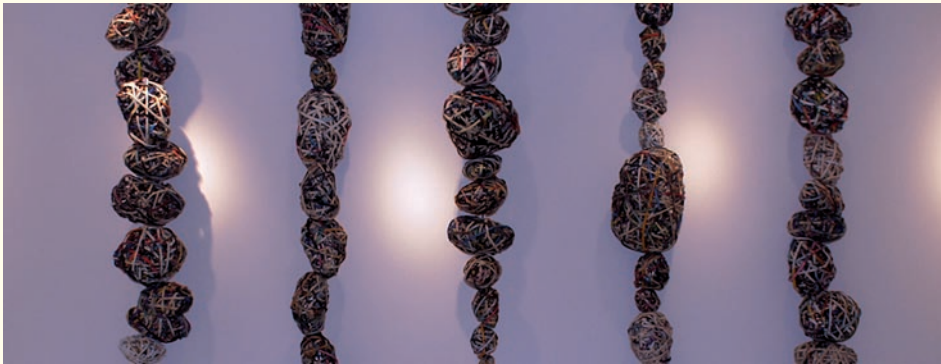
de reciclagem, pois não há reutilização do papel, no sentido de provocar o retorno do que foi descartado a uma condição utilitária. Aqui, isso não é relevante.



O que o artista faz e expõe é mais complexo e opera na esfera do simbólico. Ele não parece estar preocupado com o futuro (por conceito, a reciclagem está associada a certa visão ecológica do mundo que assegure a permanência da vida). Ele parece mais interessado em empreender uma atitude alquímica, combinando elementos e retornando a forma industrializada à sua forma bruta. Neste sentido, sua poética está voltada para o desvelamento de um passado ainda contido na matéria, e que se apresenta latente, para a reconstrução de novos mundos, que pode ser mais intrigante e revelador que a especulação acerca do futuro.

Em Barroso, o papel que foi árvore, depois pasta, e que passou a ser suporte de informação impressa, retorna à sua origem, se libertando de significados alheios impressos em sua superfície através de um processo de desconstrução e ressignificação. O que era papel

retorna ao estágio caótico da pasta disforme. Dessa forma, a matéria passa a ser informação per se, e não mero mediador, como o papel-suporte.

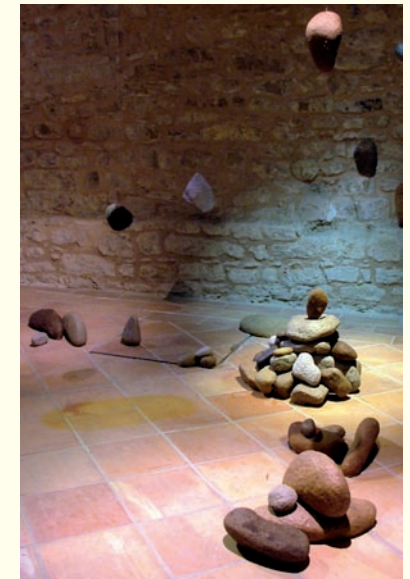


A matéria disforme passa então a ser manuseada e reconfigurada para gerar formas e superfícies até então inexistentes. A princípio, não há intensão significante. Mas ao manusear e dar forma à pasta caótica, Barroso metaforiza o demiurgo aristotelicamente, buscando ordem e harmonia próprias a partir de uma massa pós-pré-figura. Ao desconstruir o papel enquanto suporte o transformando em substância plástica - que por sua vez será conformada em elementos sólidos e definidos - o artista incorpora e expõe paradoxalmente nossa busca pela origem das coisas, ilustrando nossa essência inquieta e transformadora.

Parece inevitável que as obras apresentem texturas e cores que remetem à natureza. Mas não àquela verdejante e florida, e sim àquela que surgiu antes mesmo da explosão colorida da vida. É a terra que se expõe e se põe disponível à semente da significação. São obras monocromáticas - ou quase monocromáticas - abertas às projeções significantes e à experiência estética.

Em alguns momentos, símbolos religiosos e formas geométricas justapostas são incorporados à superfície. Em outros, percebemos vestígios de registros impressos, lembrando o estágio pré-caótico da pasta disforme. Mas, em ambos, os símbolos são subjugados pela essência e pela estética próprias da matéria, e pelo ato transformador do artista. Experienciamos, então, uma dimensão metafísica em alguns trabalhos, principalmente quando sólidos aparentemente pesados flutuam no espaço de forma frágil e leve, como que abrindo um portal ao universo platônico entre o que é essência e o que é mimese. É o embate do artista com o caos na busca pelo sentido puro.

E não é esta a grande jornada que empreendemos desde tempos remotos: transformar a matéria bruta e caótica, procurando dar sentido e função à nossa eterna inquietação? Barroso faz-nos lembrar de nossa inexorável condição de incompletude, convidando nossos sentidos ao retorno para o estágio primitivo da procura que, embora adormecido, pode ser despertado através de gestos e processos basilares.



[A Exposição “REcortes”, do Luiz Barroso, encontra-se montada no MAAC-Furne, até o final de Fevereiro de 2015. Na Avenida Floriano Peixoto, 718, Centro - Campina Grande-PB]

**WELLINGTON MEDEIROS (PARAÍBA)** - Artista visual e Designer formado na Universidade Federal de Campina Grande, mestre em Artes Visuais pela UFRGS e PhD em Design pela Staffordshire University, Reino Unido. Já participou de diversas exposições coletivas e individuais no circuito nordestino e nacional.